

TRAGÉDIA / Afogamento de criança em viaduto alagado de Ceilândia mostra que a população do DF é refém durante temporada de chuvas. Lixo, obras malfeitas e ausência de reestruturação do sistema de coleta de chuva estão entre os motivos para a situação

Uma tempestade de problemas repetidos

» AMANDA MAIA
» ARIADNE SAKKIS

Um viaduto mal projetado e deficiências no sistema de absorção de águas da chuva contribuíram para a tragédia em Ceilândia, na noite de terça-feira, que poderia ter tirado muitas outras vidas além da pequena Geovana Moraes Oliveira, de 6 anos (leia mais na página 20). A cada estação chuvosa, os moradores da capital brasileira deparam-se, cada vez mais, com vias alagadas e áreas sujeitas a desabamentos. Cenas que, há pouco tempo, pareciam distantes da realidade de Brasília, exclusivas de metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Há duas semanas, o auxiliar administrativo Wanderlei Cunha, 31 anos, teve uma surpresa ao sair do prédio onde trabalha, na 511 Norte. Chovia forte e a moto dele foi levada pela enxurrada. "A água estava batendo no meio do muro, na altura da minha cintura. Os ônibus passavam e faziam ondas. O pior é que eu tive que voltar encharcado para trabalhar", lembra. A moto estava a alguns metros de distância da vaga onde ele a havia deixado, com parte da lanterna quebrada. "Tudo alaga. O sistema tinha que melhorar como um todo, não só fazer medidas paliativas. E o povo precisa se conscientizar, porque há muito lixo no chão", critica o servidor.

O problema na quadra comercial repete-se todo ano. Glayson Camargo, 30, é supervisor de vendas de uma concessionária na W3 Norte e não esquece os alagamentos ocorridos em anos anteriores (leia Memória). "Várias pessoas perderam os carros, estacionados aqui em frente, inclusive eu. A água levanta os veículos e eles ficam boiando no meio da rua. E isso acontece há três anos."

As deficiências estruturais afetam ainda as vias L3 e L4, a Universidade de Brasília (UnB), o Setor Terminal Norte e as tesourinhas. Na tentativa de ajudar os motoristas desprevenidos, moradores e funcionários das áreas críticas unem-se. "Tem condutor que tenta passar, o carro apaga e eles ficam ilhados. Fazemos cordão humano para resgatar o pessoal. Antes, era uma coisa que só víamos pela televisão", afirma Camargo.

Levantamentos da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil mostram que regiões como Vicente Pires, Varjão, Guarã, Ceilândia e Fercal são mais vulneráveis aos temporais. Nos pontos de acúmulo de água, é possível notar semelhanças. Os habitantes e empresários criam obstáculos para barrar a água. "Fizemos uma mureta e subimos a altura da calçada porque alagava aqui dentro. A maioria dos carros nem sobe a rua. O movimento cai quase 90%", calcula Leide Lopes, gerente de um bar e restaurante em Vicente Pires.

O dono do empreendimento criou uma área de embarque e desembarque para clientes. "Nosso direito de ir e vir é garantido até as chuvas começarem", brinca o segurança Oséias Lopes, 33 anos. A mulher dele, Lucia Siqueira, 50, acredita que o individualismo piora a situação. "Os condomínios fizeram seus muros e não tem para onde a água correr. Como ficam os pedestres e motoristas?", questiona.

Falta ação

O programa Águas do DF, que tem o objetivo de ampliar e reestruturar o sistema de captação de águas da chuva, ainda não saiu do papel. A Novacap, responsável pela execução do projeto, finaliza a correção de quesitos contestados pelo Tribunal de Contas do DF. Somente após a aprovação das contas é que as obras no Plano Piloto, em Taguatinga e em Ceilândia, estimadas em R\$ 240 milhões, poderão começar.

Por enquanto, o órgão já fez reparos menores no final da Asa Norte, próximo à 2ª DP, onde os dutos tiveram altura ampliada para 2,6 metros. As equipes também trabalham para fazer operações de limpeza das bocas de lobo e dos corredores da água. O lixo é um dos maiores inimigos. "Hoje (ontem), em apenas uma rua da Ceilândia, retiramos quase cinco toneladas de entulho. A população precisa nos ajudar, pois, quando as bocas de lobo entopem, outros pontos ficam sobrecarregados e acontece o alagamento", afirma Erinaldo Sales, diretor de Operações da Novacap.

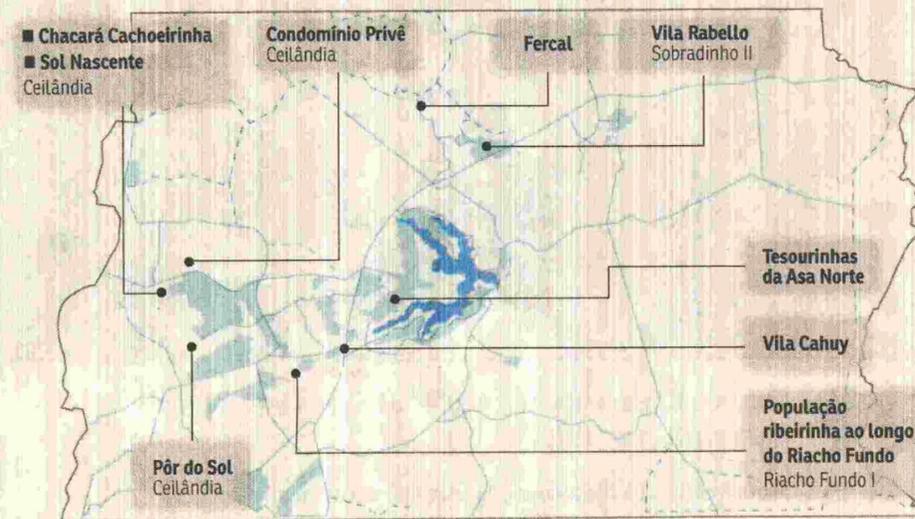
Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press - 20/3/13



Água invade casa no condomínio Pôr do Sol: Ceilândia é uma das áreas em que os moradores sempre sofrem com as chuvas

Riscos

Corpo de Bombeiros aponta nove das áreas mais críticas no DF em caso de tempestades



Pacífico/CB/D.A Press

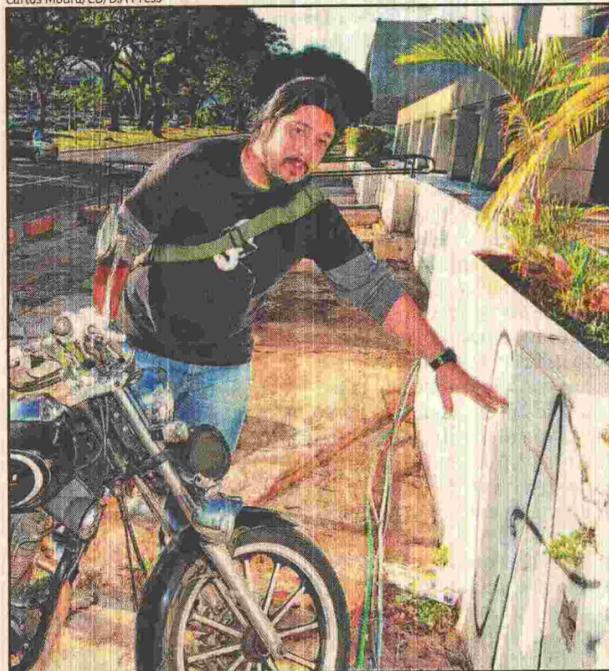
O desastre é iminente

A frequência maior de alagamentos e desastres causados pelas chuvas no Distrito Federal motivou o Corpo de Bombeiros a criar o Grupo de Proteção Civil. A divisão é responsável por monitorar áreas consideradas críticas na estação chuvosa e preparar uma reação mais adequada aos pedidos de socorro. Só neste ano, a análise identificou 74 pontos críticos (veja mapa).

Os quartéis mais próximos aos locais de alerta são consultados e orientados a respeito dos equipamentos necessários para o resgate. "Elaboramos planos operacionais para atuarmos de maneira mais eficiente em casos de emergência. Além disso, como o mapeamento é dinâmico, informamos as autoridades responsáveis pela fiscalização e pela infraestrutura para que atuem em planos de contingência", explica o tenente-coronel Toni Monteiro Delinho, comandante do grupamento. Ele alerta que desabamentos e grandes alagamentos já são uma realidade do DF. "Ainda dá tempo de Brasília se planejar e evitar que mortes ocorram e antes que tenhamos um 'câncer' que nenhuma governança consegue controlar", ressalta.

O engenheiro Dickran Berberian, professor da Universidade de Brasília, é mais radical. Segundo ele, o que se tem feito hoje é "apagar incêndios", uma vez que a cidade não recebeu a estrutura subterrânea adequada para o crescimento populacional e a ocupação desordenada do território. "Agora, é muito mais caro ampliar as redes: você tem de quebrar estruturas prontas. Além disso, áreas que deveriam ser protegidas estão sendo construídas. Some-se à cultura de jogar lixo em boca de lobo e não há como suportar essa carga. Vão continuar fazendo consertos pelos próximos 100 anos", critica.

Carlos Moura/CB/D.A Press



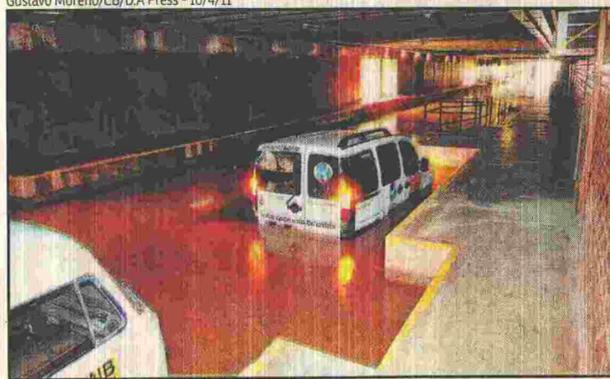
Wanderlei mostra aonde o nível da água chegou quando a moto foi levada

Memória

Embaixo d'água

O ano de 2011 foi marcado por temporais em todo o Distrito Federal e por alagamentos que deixaram várias áreas da cidade submersas. Em 10 de abril, o sistema de drenagem de águas pluviais não deu conta de absorver a água de um temporal. A chuva derrubou árvores e provocou o alagamento do subsolo do ICC (foto), destruindo a UnBTV, o Departamento de Geografia e vários centros acadêmicos sediados no local. As aulas na universidade foram suspensas durante três dias. Um relatório elaborado por uma comissão formada por professores da universidade, representantes da Caesb, da Novacap e do Conselho Regional de

Gustavo Moreno/CB/D.A Press - 10/4/11



Engenharia e Arquitetura (Crea) apontou que falhas no sistema de drenagem das superquadras, das vias L2 e L3 Norte, além da topografia do bairro, contribuíram para a tragédia. Em outubro e novembro do mesmo ano, fortes precipitações deixaram

outros pontos da Asa Norte encobertos. Tesourinhas, como a da 202 Norte, acumularam água quase até o teto das passagens sob o Eixão. Na 716 Norte, carros foram levados pela correnteza, e dezenas de pessoas ficaram ilhadas à espera de socorro.